

## Revolta e esperança



Por **JOSÉ LUÍS FIORI\***

*Considerações sobre teoria, história, e decisão política*

A história contemporânea sugere que Karl Polanyi tenha razão: os grandes avanços da internacionalização capitalista promovem grandes saltos econômicos e tecnológicos, mas ao mesmo tempo aumentam geometricamente as desigualdades na repartição da riqueza entre as nações e as classes sociais. E como consequência, no final dos grandes “ciclos de globalização”, aumenta e generaliza-se a insatisfação das grandes massas, e multiplicam-se as revoltas sociais e reações nacionalistas, ao redor do mundo. O que ele chamou exatamente de “duplo movimento” das sociedades de mercado.<sup>[1]</sup>

Mas se isto parece ser verdade, não é verdade que estas “inflexões reativas” tenham sempre um viés progressista ou revolucionário. Pelo contrário, elas nunca foram homogêneas, e podem tomar direções radicalmente opostas, sendo impossível deduzir teoricamente e prever de antemão a orientação ideológica e o desdobramento concreto que tomará cada uma destas revoltas, e destas explosões nacionalistas.

Basta olhar para o que aconteceu nas primeiras décadas do século XX, quando as grandes massas saíram às ruas de toda a Europa, como reação contra o aumento da desigualdade e da miséria que cresceram à sombra da acelerada internacionalização capitalista das últimas décadas do século XIX, ao que se somaram as catástrofes sociais provocadas pela Primeira Guerra Mundial, pela Gripe Espanhola, e pela crise financeira e econômica que começou no final dos anos 1920 e se prolongou até o início da Segunda Guerra Mundial. E logo se constatará que a revolta social e a explosão nacionalista daqueles anos, assumiram formas muito diferentes, e as vezes diametralmente opostas, em distintos países, e por vezes, dentro de um mesmo país.

Neste período, a polarização das classes e das nações e o aumento generalizado da miséria contribuíram para a explosão de inúmeras revoltas e/ou revoluções comunistas, na Alemanha, na Hungria, na Polônia, na Itália, na Espanha, na Rússia e em vários outros países, dentro e fora da Europa, incluindo evidentemente a Revolução Soviética, em 1917. Mas neste mesmo período, esta mesma miséria, e esta mesma polarização entre as nações, contribuíram igualmente para a multiplicação de outras tantas paralelas de tipo “fascista” ou “nazista” que se multiplicaram por toda a Europa, alcançando sua trágica vitória na Itália e na Alemanha, mas também em Portugal e na Espanha, onde os fascistas se mantiveram no poder durante 40 anos, mesmo depois da IIGM.

Em todos estes casos, a ascensão fascista contou com o apoio da grande burguesia, mas também contou com o apoio de grandes massas de miseráveis e de “excluídos sociais” de todo tipo, revoltados contra o fracasso social da globalização capitalista e do imperialismo colonialista da segunda metade do século XIX. E todos esses casos culminaram com a formação de governos autoritários movidos pelo mesmo ódio contra as minorias, os estrangeiros, e seus opositores que foram exterminados, como foi o caso notável dos judeus, mas também, dos comunistas, dos ciganos, dos deficientes físicos e de todos que se opuseram ao regime e que foram mortos e exterminados aos milhares até o momento de suas derrotas na Segunda Guerra, no caso da Itália e da Alemanha.

E agora de novo, nesta terceira década do século XXI, pode-se dizer que o mundo está atravessando uma nova onda de

# a terra é redonda

revoltas e rupturas sociais e nacionais, alimentadas, uma vez mais, pelo aumento da desigualdade, do desemprego e da miséria que se multiplicaram de forma exponencial a partir da década de 90, mas sobretudo depois da crise financeira de 2008. Neste ponto Polanyi acerta de novo, mas agora também é impossível prever o futuro exato e o desfecho desta nova “era das rebeliões”.

Assim mesmo, desde já, e até aqui, o que mais surpreende nessas novas revoltas, são duas coisas que se destacam dentro do espaço eurocêntrico, mas também, de uma forma um pouco diferente, no próprio caso dos Estados Unidos:

(i) a primeira, tem sido a fragilidade das forças de esquerda, e a baixa participação das forças progressistas na liderança dessas revoltas, com exceção do caso da Grécia, em 2013, e do Chile, Equador e Colômbia, em 2019. Sendo que no caso da Grécia, a revolta foi rapidamente domesticada pela União Europeia, e foi finalmente derrotada pela própria direita grega; (ii) a segunda, tem sido a força e a agressividade generalizada das novas lideranças e ideias da extrema direita, associadas ao fundamentalismo e ao nacionalismo religioso, seja ele cristão, ortodoxo, judeu ou islâmico, dependendo de cada país e de cada grupo social. Na Hungria e na Polônia, sem dúvida alguma, mas também em Israel e em vários países islâmicos do Oriente Médio; na Inglaterra e na Holanda, sem dúvida alguma, mas também nos Estados Unidos e na Rússia; na Itália e na República Checa, sem dúvida alguma, mas agora também na Suécia, que foi uma espécie de Vaticano da social-democracia europeia durante todo o século XX.

Poderia se falar de algumas outras vitórias da social-democracia nos países ibéricos e nórdicos, ou mesmo na Alemanha, mas mesmo estas vitórias eleitorais tem sido revertidas em alguns casos, ou estão sendo atropeladas e dispersas pela nova guerra europeia entre a Rússia e a OTAN, que está mobilizando os piores instintos e ódios nacionalistas da longa história de guerras do Velho Continente, e da sua prolongada disputa de suas “potências ocidentais” com a Rússia, começando pela invasão dos Cavaleiros Teutônicos do Papa, em 1240; a invasão das tropas de Bonaparte, em 1812; e finalmente, a invasão da Alemanha nazista, em 1942.

É muito difícil resumir em poucas linhas, uma história tão longa, e uma conjuntura tão complexa. Mas se for necessário apressar a análise e escolher um fator mais importante para explicar o enfraquecimento dos socialistas e dos social-democratas europeus frente às novas revoltas sociais, diríamos que foi sua perda de sintonia com a esperança de futuro dos europeus, em particular de suas grandes massas de desempregados e excluídos sociais.

Essa limitação da social democracia tem raízes mais profundas e antigas, porque os social-democratas sempre tiveram dificuldade de enfrentar e incorporar a “questão nacional” dentro do seu projeto para a Europa, e nunca conseguiram conciliar o seu internacionalismo dos períodos de paz, com seu nacionalismo das horas de guerra entre seus próprios estados, e contra suas colônias. Por isto mesmo, os socialistas e os social-democratas europeus não participaram nem apoiaram a ideia inicial, nem nunca tiveram nenhuma identificação popular com o projeto de unificação europeia. Mas apesar disto, apoiaram incondicionalmente o projeto de expansão da OTAN dentro e fora da Europa, depois do fim da Guerra Fria.

Por isto hoje, na hora desta grande crise atual da União Europeia, eles tampouco conseguem se posicionar, seja a favor de uma integração meramente econômica, como propõem os liberais, seja a favor da criação de um novo Estado europeu, como propõem os nacionalistas. Além disto, na década de 1990, abandonaram seu próprio projeto de aprofundamento do “estado de bem-estar social”, ao aderir ao novo receituário econômico neoliberal da austeridade e da diminuição do papel social do estado, e por isto hoje tampouco tem nada de novo para dizer sobre esta nova onda de desemprego e de miséria dos europeus.

Foi assim que os socialistas e os social-democratas europeus acabaram perdendo sua própria identidade ideológica e política, e o que é pior, perdendo sua capacidade secular de mobilização das “grandes massas” que hoje estão aderindo às ideias, soluções e distopias propostas pela nova extrema-direita europeia, que está assistindo de camarote a desintegração do continente, acelerada pela Guerra da Ucrânia. Seria muito importante, mas não cabe analisar em tão poucas linhas o processo paralelo e similar que os democratas norte-americanos estão enfrentando no seu próprio país.

Mas o panorama europeu que foi traçado já é suficiente para compreender a importância crucial da batalha que está sendo travada no Brasil, neste momento, entre esta nova direita global e o conjunto das forças políticas locais que se uniram para barrar o avanço do velho “fascismo” de tipo europeu que se uniu ao novo “nacionalismo cristão” de direita, de origem norte-americana, que vem sendo injetado há longos anos na sociedade brasileira. Uma verdadeira guerra entre duas visões

# a terra é redonda

da humanidade, absolutamente antagônicas e, ao mesmo tempo, no caso brasileiro, entre duas concepções opostas, de estado, de sociedade, de economia, de sustentabilidade, de cultura, de civilização e de futuro.

Neste momento é fundamental que os progressistas apresentem à sociedade brasileira um projeto de futuro que seja inovador e que seja diferenciado, combinando uma verdadeira estratégia de guerra contra a desigualdade, com um projeto simultâneo de construção de uma nação, popular e democrática, e de uma grande potência pacificadora capaz de influenciar as gigantescas transformações mundiais que estão em pleno curso.

É fundamental neste momento conscientizar e conquistar o apoio de todos os brasileiros para um novo projeto de futuro solidário e compartido por todos, capaz de vencer a distopia teológica e ultraliberal da salvação de cada um por si, mesmo que seja contra todos os demais, com a benção de Deus e a mão invisível do Mercado. Nesta hora, mais do que nunca, é preciso inovar e apresentar com coragem e absoluta claridade, ideias e projetos, mas sobretudo, um "sonho de futuro" capaz de sintonizar com a imaginação e a esperança de todos os brasileiros.

\***José Luís Fiori** é Professor Emérito da UFRJ. Autor, entre outros livros, de *O poder global e a nova geopolítica das nações* (Boitempo).

## Nota

---

[1] Teoria discutida no artigo, “A conquista da soberania”. Disponível em [A Terra é Redonda](#).

**O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**  
Ajude-nos a manter esta ideia.  
[Clique aqui e veja como](#)